



**Juventude, Radioescola e Cidadania:  
Apontamentos Teórico-Metodológicos<sup>1</sup>**

Tarciana Campos<sup>2</sup>

Universidade Federal do Ceará

Alexandre Barbalho<sup>3</sup>

Universidade Estadual do Ceará

**Resumo**

O artigo traz o percurso metodológico empreendido por uma pesquisa voltada para a investigação dos exercícios de cidadania que partem da atuação de jovens estudantes do ensino fundamental na rede pública municipal de Fortaleza. Tal atuação se deu no âmbito das atividades desenvolvidas em torno de quatro radioescolas. Na primeira parte, o texto aborda parte do diário de campo elaborado na pesquisa. Na parte seguinte, discute as opções teórico-metodológicas que nortearam o trabalho.

**Palavras-chave**

Metodologia; Cidadania; Radioescola; Juventude.

Os estudos e pesquisas sobre comunicação e cidadania têm alcançado um lugar relevante na produção acadêmica brasileira, cuja expressão mais visível é a existência de grupos ligados ao tema nos dois principais encontros científicos da área, ou seja, o Comunicação para a Cidadania, na Intercom (desde 2001), e o Comunicação e Cidadania, na Compós (desde 2011). Por sua vez, são os trabalhos desenvolvidos nas linhas e/ou grupos de pesquisa dos programas de pós-graduação em comunicação que compõem, em grande parte, a programação dos dois referidos grupos (BARBALHO; FUSER; MENDONÇA, 2008).

No caso específico do grupo da Intercom, que já possui dez anos, o que possibilita um balanço de suas atividades, constata-se que os trabalhos são na maioria estudos de caso. Apesar de existirem, são poucos os artigos que focam a discussão teórico-metodológica (BARBALHO; COGO; FUSER, 2010). Contudo, esse debate é fundamental para acompanhar a constante transformação que a cidadania vem alcançando, em grande parte ocasionada pelos processos de midiaticização, o que exige do pesquisador, inclusive, uma perspectiva inter ou até mesmo transdisciplinar, bem

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado no GP Comunicação para a cidadania, XI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestra em Comunicação pela UFC, e-mail: tarcianacampos@hotmail.com.

<sup>3</sup> Professor dos PPGs em Políticas Públicas e Sociedade da UECE e em Comunicação da UFC, e-mail: alexandrebarbalho@hotmail.com



como compromisso com seus sujeitos interlocutores (MONJE et al, 2009; MALDONADO, 2010; 2011; ALVES, 2011).

Partindo desse pressuposto, na discussão que segue trazemos o percurso metodológico empreendido por uma pesquisa voltada para a atuação cidadã de jovens estudantes do ensino fundamental na rede pública municipal de Fortaleza<sup>4</sup>. Tal atuação se deu no âmbito das atividades desenvolvidas em torno da radioescola das unidades de ensino pesquisadas.

A pesquisa tomou como ponto de partida a consolidação nos tempos atuais da adolescência, e acrescentaríamos da juventude<sup>5</sup>, enquanto “temática permanente” (SHERER-WARREN, 1993), para a qual várias organizações direcionam o campo de ação<sup>6</sup>. O que se pretende não é sugerir um formato para a abordagem deste tipo de temática, mas socializar uma experiência de pesquisa onde a presença do pesquisador não se exime de suas responsabilidades como cidadão.

### **1. Desde o início: Elaboraões e reelaboraões do diário de campo**

A caminho de uma escola, o carro contorna o Castelão, maior estádio de futebol da cidade de Fortaleza, no Ceará. Para chegar até a escola, é preciso sair do asfalto e seguir em frente por uma ruela tão estreita que o carro passa bem próximo ao exterior das construções. Do emaranhado de pequenas casas emergem um grande arco decorativo marcando uma entrada e um muro com pinturas, os quais destacam aquele espaço do seu entorno: é a escola!

Ao ultrapassar o portão de entrada, encontramos o pátio central no interior da escola vazio, pois está havendo aula. Em uma sala, ao lado da diretoria, uma placa na porta contendo “Rádio-escola” mostra que no local foram instalados equipamentos de rádio. Ao entrarmos na sala, percebemos que o lugar está empoeirado e é pouco utilizado. De acordo com a direção da escola, a rede elétrica não comporta o uso dos equipamentos<sup>7</sup>.

Voltando ao asfalto e seguindo em direção ao sul da cidade, destinamo-nos a uma segunda escola. É preciso fazer outro contorno, desta vez em volta do imenso e

---

<sup>4</sup> A pesquisa se desenvolveu no âmbito do PPG em Comunicação da UFC por Tarciana de Queiroz Mendes Campos sob orientação do professor Alexandre Barbalho. A esse respeito ver CAMPOS, 2011.

<sup>5</sup> As idades dos sujeitos que fizeram parte da pesquisa variavam entre 13 e 17 anos, enquanto as séries escolares iam da 7ª à 9ª série.

<sup>6</sup> A concreude dessa análise pode ser verificada com base nos dados do setor de assistência social do Conselho Municipal de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente (Comdica), segundo os quais, atualmente, há 729 entidades cadastradas no conselho na cidade de Fortaleza.

<sup>7</sup> Reelaboraões de registros de diário de campo em visita à escola nos dias 5 e 6 de fevereiro de 2010.



desativado aterro do Jangurussu. Para chegar a essa escola, localizada no Conjunto Palmeiras, não é preciso sair do asfalto. Porém, uma vez na escola, é preciso passar por quatro portões para ter acesso a seu interior.

Na hora do recreio, ao percorrermos um longo corredor, margeado pelas salas de aula vazias, ouvimos músicas que partem da radioescola. Junto com a música baixinha saída das caixas de som instaladas no corredor da escola, gritos, conversas, passos de corridas, pulos na brincadeira de elástico, sons da bolinha de pingue-pongue e da bola do futebol são elementos que compõem a paisagem sonora (SHAFER, 2008) na hora do recreio<sup>8</sup>.

Em direção a uma terceira escola, percorremos a avenida Leste-Oeste, seguindo rumo à praia da Barra do Ceará. Atravessando o pátio central, entramos em um corredor onde a sinalização indica “almoxarifado”. É nesse lugar onde, junto com caixas e televisores aparentemente não utilizados, estão equipamentos de rádio e um computador. Diferentemente das outras duas escolas, não há sinalização de que ali é uma radioescola. Atualmente a produção de programas e os equipamentos estão parados. Segundo a professora diretamente envolvida com as atividades da radioescola, a parada ocorre devido a problemas técnicos que causam uma má qualidade do som e, em especial, a transferência de muitos dos estudantes envolvidos com a rádio para escolas de ensino médio<sup>9</sup>.

Ao chegarmos à quarta escola do estudo, localizada no bairro Bela Vista, uma das professoras chega apressadamente e nos chama para a sala da radioescola. Esta apresenta uma peculiaridade, pois está instalada no pátio central, ocupa lugar de destaque e o que se faz dentro da sala é visível, uma vez que sua grande janela de vidro é voltada para o pátio. Dessa forma, o ritmo da hora do recreio é cadenciado também pela rádio a partir de uma programação com músicas e informações, elaborada por duas professoras e um grupo de estudantes<sup>10</sup>.

As experiências de estudantes e professores nas quatro radioescolas citadas abriram a possibilidade de produção do programa *Antenados*, veiculado aos sábados, às 13h30, na Rádio Universitária FM, em Fortaleza, durante 2008, 2009 e 2010. A rádio é vinculada à Universidade Federal do Ceará. Nesse caso, o processo de produção e

---

<sup>8</sup> Reelaborações de anotações de diário de campo registradas em visita à escola no dia 26 de janeiro de 2010.

<sup>9</sup> Observações de diário de campo registradas em visita à escola no dia 2 de outubro de 2009, ainda em fase exploratória da pesquisa.

<sup>10</sup> Observações de diário de campo registradas em visita à escola nos dias 20 e 22 de janeiro de 2010.



gravação não ocorre exclusivamente na escola, estendendo-se também ao espaço da ONG Catavento Comunicação e Educação, com sede em Fortaleza.

Nas ocasiões de produção dos programas, uma pedagoga, uma jornalista e uma estagiária de Comunicação Social da ONG deslocam-se para as escolas para a realização de reuniões de pauta. Nessas reuniões, ocorre a definição do tema específico do programa e do conteúdo de cada bloco. A cada semana a reunião ocorre em uma escola diferente, havendo um esquema de rodízio na produção dos programas. Os estudantes que querem participar do desenvolvimento dos programas partem para a produção, que consiste na pesquisa sobre o tema – em geral, na internet, em livros ou revistas –, na gravação de entrevistas com a comunidade escolar ou no entorno da escola e na escrita dos roteiros. O envolvimento de educadores no processo de produção varia de escola para escola, sendo mais intenso em umas que em outras.

Quando concluídos, os roteiros são revisados pela equipe da Catavento, que envia para as escolas as sugestões. A revisão consiste na leitura do material por parte de profissionais das áreas da educação e da comunicação. A soma dos dois olhares durante a revisão objetiva potencializar a dimensão educativa e participativa dos processos de produção e dos conteúdos dos *Antenados*, tanto entre os produtores como entre aqueles que ouvirão os programas. As sugestões de alteração são comentadas e reenviadas para as escolas. Em momentos de encontros entre os grupos, as principais alterações são discutidas e avaliadas.

Finalizada a revisão dos roteiros, é chegada a hora da gravação no estúdio da ONG. Durante o percurso de estudantes e professores entre escola e estúdio, o roteiro que estimula a percorrer o trajeto é o do programa<sup>11</sup>.

Gravadas as locuções e finalizada a edição, que corta os erros de locução e insere as músicas sugeridas pelos grupos produtores, uma cópia do programa é enviada para a Rádio Universitária. Vozes, sons e discursos apresentam-se durante a veiculação dos programas.

Sinalizadas ou não, funcionando ou não, tendo lugar de destaque nos espaços ou não, as radioescolas, bem como as cenas e os sons que se desenrolam junto a elas, são os elementos que orientaram nosso olhar em visitas às quatro escolas. Também os processos de produção dos programas *Antenados*, decorrentes das experiências desenvolvidas nas radioescolas, fizeram parte de nossa observação.

---

<sup>11</sup> Reelaborações de anotações de diário de campo em fase de pesquisa exploratória.



## 2. As opções teórico-metodológicas

A observação do cotidiano das radioescolas nos apontou questionamentos que foram aprofundados com a investigação científica. Nesse sentido, os principais eixos de análise referiram-se às temáticas: 1. problematizações sobre o conceito juventude na contemporaneidade e sua articulação com os sujeitos das radioescolas e das produções do *Antenados*; 2. práticas e experiências desenvolvidas ao longo das produções radiofônicas por parte dos estudantes como possibilidades de exercício da cidadania; 3. repercussões da aproximação entre comunicação e educação no cotidiano dos sujeitos das ações.

Em direção à análise desses eixos, a pesquisa apresentou como objetivo central analisar as experiências e práticas juvenis nos processos de produção, circulação de conteúdos e gestão de radioescolas na rede pública municipal de ensino da cidade de Fortaleza, tendo como perspectiva investigar que exercícios de cidadania partiam desses processos. Como forma de estabelecer um recorte que tornasse viável a investigação, optamos por centrar a pesquisa de campo nas quatro escolas públicas que participaram do programa *Antenados*.

A partir de tal recorte, a contribuição da pesquisa foi promover uma análise sobre como se deu a participação dos estudantes nas radioescolas dois anos após a instalação dos equipamentos e mediação de oficinas por parte da ONG Catavento, o que possibilitou perceber como ocorrem as relações entre os jovens e a radioescola nos limites da instituição escolar. Além disso, podemos somar observações referentes à produção dos estudantes em um programa que parte da escola, mas é veiculado para além da instituição, na Rádio Universitária FM, de Fortaleza.

Sendo assim, este estudo foi norteado pela análise das seguintes questões: Que fatores motivavam a atuação dos estudantes tanto nas radioescolas como na produção do programa *Antenados*? Em que medida havia processos de conflito e de negociação nas radioescolas e na produção do *Antenados*?

Tais indagações fundamentaram-se em um conjunto de reflexões e pesquisas, entre as quais destacamos a percepção de Jorge Larrosa Bondía (2002) com relação à experiência e de Michel de Certeau (2009) com relação às práticas.

Conforme o primeiro autor, a experiência é algo com intensa relação com a memória. Para vivê-la são necessárias algumas condições, tais como disponibilidade, abertura, paciência e atenção. Para Bondía, “é experiência aquilo que ‘nos passa’, ou



que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma” (BONDÍA, 2002, p. 26). Nesse sentido, o autor diferencia a experiência da prática, pois entende a prática como relacionada à técnica e ao trabalho, algo que, ante a velocidade das rotinas vividas pelos sujeitos, não abre espaço potencial para a experiência.

Para de Certeau, “a fraqueza em meios de informação, em bens financeiros e em ‘seguranças’ de todo o tipo exige um acréscimo de astúcia, de sonho ou de senso de humor” (DE CERTEAU, 2009, p. 43) por parte daqueles a quem chama de usuários ou consumidores. O autor desenvolve uma série de reflexões críticas que expandem o conceito de consumo para além da ideia de passividade e conformidade. Dessa forma, é possível ao autor voltar sua atenção para processos inventivos e criativos que se desenrolam em supermercados, ruas ou, em suma, no anonimato das atividades cotidianas. Para tanto, de Certeau propõe maneiras de pensar as práticas cotidianas dos consumidores, iniciando a análise com a identificação de que algumas das práticas são do tipo tático. Dessa forma, as táticas caracterizam uma politização das práticas cotidianas:

[...] a tática depende do tempo, vigiando para “captar no vôo” possibilidades de ganho. O que ela ganha, não o guarda. Tem constantemente que jogar com os acontecimentos para os transformar em “ocasiões”. Sem cessar, o fraco deve tirar partido de forças que lhe são estranhas. Ele o consegue em momentos oportunos onde combina elementos heterogêneos [...] mas a sua síntese intelectual tem por forma não um discurso, mas a própria decisão, ato e maneira de aproveitar a “ocasião” (DE CERTEAU, 2009, p. 46).

Uma linha de investigação semelhante foi desenvolvida por Ângela Prysthon, para quem “o interesse [da pesquisa] recai em verificar como os jovens, além de consumirem produtos midiáticos, tornam-se agentes e produtores de interferências comunicacionais capazes de influir sobre hábitos e formas de percepção da cidade” (PRYSTHON, 2005, p. 99). Para a autora, a participação política dos jovens atualmente diferencia-se completamente daquela dos anos 60 e ocorre a partir de movimentos culturais, na música, no *hip-hop*. Nesse sentido, a mídia pode assumir formas alternativas (*sites* na internet, selos independentes, vídeos populares, curtas-metragens etc).

Também considerando o desenrolar de tais processos, Canclini volta sua atenção para “como valorizar algumas ações aparentemente despolitizadas ou de baixa eficácia política imediata, freqüentes nas culturas juvenis” (CANCLINI, 2007, p. 221).



Exemplos dessas ações seriam o grafite e performances de protesto. Para o autor, o que se verifica é que as culturas juvenis manifestam comportamentos difíceis de serem compreendidos se pensados sob uma lógica de êxito econômico e macropolítico.

Nesse sentido, muitas ações juvenis não estão envolvidas com a política partidária, não buscam a tomada do poder nem mesmo o atendimento de demandas concretas, como aumento de salários. Para Canclini (2007), é possível valorizar tais ações na medida em que se identifica sua dimensão afetiva, que envolve solidariedade e coesão grupal. Mostra-se então visível um “peculiar sentido político de ações” que reivindicam legitimar ou expressar identidades. Ações que buscam o sentido de determinados modos de vida.

As reflexões de Canclini, críticas e ao mesmo tempo poéticas, fizeram emergir alguns desafios durante a pesquisa, uma vez que a produção do *Antenados*, bem como as produções nas radioescolas desenvolviam-se com a mediação de instituições, no caso, a própria escola, a ONG Catavento e a Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza. Logo, foi possível a identificação tanto de ações de solidariedade e coesão grupal entre estudantes, educadores, equipes da ONG e da secretaria, como também situações de conflito, que se estabeleceram, por exemplo, diante do não uso da rádio, de forma que os equipamentos ficaram abandonados e empoeirados.

A pesquisa potencializou também a discussão referente à seguinte questão: em que medida essas produções radiofônicas constituem exercícios para a cidadania? Segundo Barbalho (2005, p. 37), “a cidadania, para as minorias [nas quais podemos incluir os jovens], começa, antes de tudo, com o acesso democrático aos meios de comunicação. Só assim elas podem dar visibilidade e viabilizar uma outra imagem sua que não a feita pela maioria”. Nesse sentido, esta pesquisa permitiu a investigação das possibilidades e limitações das radioescolas e da rádio FM de constituírem espaços conquistados pelos estudantes para falarem de si e de serem ouvidos.

Mas como proceder à investigação das questões apontadas e à busca do objetivo proposto? Nesse sentido, a pesquisa participante foi a metodologia pensada como apta a nos conduzir. Mas por que essa escolha metodológica?

Alguns autores, ao pensarem no campo da comunicação, conduziram suas análises em direção à identificação das limitações do modelo centrado basicamente nos seguintes elementos: emissores transmitem mensagens aos receptores, que passivamente as decodificam. A crítica a tal modelo, além de formulada teoricamente, também é



desencadeada pela comunicação popular ou de base, que tem nos movimentos populares seus principais sujeitos (COGO, 2007).

Portanto, entendemos que as repercussões dessas críticas formuladas tanto teoricamente como na prática dos movimentos vão permear processos metodológicos da pesquisa em comunicação de forma a provocar questionamentos também nos modos de fazer ciência. Sobre essa constatação, Cogo afirma que:

Se, portanto, essa comunicação de base ou popular propunha um processo de interação comunicacional baseado na ruptura dos papéis tradicionais de produtor e receptor dos meios de comunicação para a instauração de processos comunicacionais mais horizontais, dialógicos e críticos que favorecessem a reciprocidade e a relativização de assimetrias e desigualdades nos processos de apropriação e uso dos meios de comunicação na sociedade, a restituição dessa reciprocidade não poderia ser esquecida quando da transformação dessa comunicação popular em objeto de pesquisa no campo da comunicação (COGO, 2007, p. 153).

Por conseguinte, tal processo faz instaurar-se no campo da comunicação discussões acerca das modalidades de ciência participativa, sendo uma delas a pesquisa participante.

Acompanhemos um primeiro aspecto dessa metodologia com Brandão, que, ao repensar a pesquisa participante, explica que a relação desigual entre mediador e comunidade jamais será extinta. Segundo o autor,

[...] supor que a participação está baseada em uma relação de troca constituída sobre uma suposta igualdade de poder e saber oculta o fato real de que entre o agente de mediação (um intelectual não raro de nível superior) e a “comunidade” (lavradores, subempregados, operários), há uma desigualdade antecedente. Tal desigualdade não se resolve metodologicamente, nem na relação de compromisso entre os dois lados, nem, de modo específico, no interior de uma pesquisa participante (BRANDÃO, 1999, p. 250).

Se tais relações de desigualdade não se resolvem, como tentar a partir do trabalho de pesquisa viabilizar formas de resistência, mudanças ou, mesmo, solidariedade? Conforme Brandão, ainda em relação aos pesquisadores:

O seu trabalho de agente é útil ao povo porque é conjunturalmente desigual, ainda que no seu horizonte exista, na bruma da manhã, a aurora de um mundo onde a diferença que faz a liberdade não se estabeleça sobre a desigualdade que gera e preserva a opressão. A questão fundamental é a de saber colocar a desigualdade a serviço (BRANDÃO, 1999, p. 250).



Portanto, ao acompanharmos Brandão em suas questões sobre a pesquisa participante, conseguimos explicitar nosso papel enquanto pesquisadores junto dos grupos de jovens sujeitos com os quais desenvolvemos esta pesquisa:

O papel do intelectual (o educador, o cientista social, o agente de mudança) é o de ser um ouvinte atento das decisões dos movimentos populares, ou das necessidades comunitárias efetivas. É o de ser um mediador que responde, com os instrumentos de seu saber e de sua profissão, a tais decisões e exigências, colocando-os a serviço não *da* comunidade, mas da prática política popular *na* comunidade” (BRANDÃO, 1999, p. 251, grifos no original).

Assim, na pesquisa participante, a ciência e o próprio processo de conhecimento estão potencialmente interligados à prática política dos sujeitos e grupos com quem trabalhamos. Ao enfatizar o desenrolar de práticas políticas na comunidade, Brandão (1999) nos faz voltar nossa atenção para ações que, organizadas ou não, vão permeando o cotidiano.

Além dos aspectos apontados, seguimos com Peruzzo para compreender o que faz de nosso estudo uma pesquisa participante. Segundo a autora, esta opção de pesquisa “tem se concretizado num tipo de investigação em que o pesquisador interage com o grupo pesquisado, acompanha as atividades relacionadas ao ‘objeto’ em estudo e desempenha algum papel cooperativo no grupo” (PERUZZO, 2003, p. 14).

Peruzzo afirma, ainda, que a pesquisa participante “reserva mais autonomia ao pesquisador, tendo em vista que as decisões sobre os objetivos da pesquisa e demais processos de coleta e interpretação dos dados não contam com a interferência do grupo investigado” (PERUZZO, 2003, p. 15).

Definida a opção metodológica, nossa preocupação se concentrou em aprofundar uma aproximação com os jovens não mais focada nas atividades de produção radiofônica anteriormente desenvolvidas em conjunto, mas objetivando entender como aqueles sujeitos compreendiam e interpretavam o contexto da radioescola e da produção do programa *Antenados* em que se encontravam.

Para isso, acompanhamos o seguinte itinerário proposto para a execução da pesquisa participante ao longo do trabalho de campo:

[...] o pesquisador procura observar a vida social em movimento da comunidade com que está envolvido, procurando captar a rede de relações sociais que atravessa a comunidade, os problemas que a desafiam e a percepção que a população tem de sua própria situação e de suas possibilidades de mudança (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 1983, p. 29).



Tal concepção da importância de compreender de que forma os sujeitos entendem o contexto em que vivem está muito presente nos estudos de Paulo Freire que afirma: “Para mim, a realidade concreta é algo mais que fatos ou dados tomados mais ou menos em si mesmos. Ela é todos esses fatos e todos esses dados e mais a percepção que deles esteja tendo a população neles envolvida” (FREIRE, 1983, p. 35). Dessa forma, a pesquisa é marcada por um processo de aprendizado intenso por parte do pesquisador com os sujeitos com quem trabalha, ao passo que esses sujeitos também investigam, estudam e refletem. A nosso ver, esse processo ocorre, por exemplo, quando os sujeitos respondem a questões que os provocam a pensar sua própria condição e, mesmo, questioná-la.

Com relação aos procedimentos de pesquisa, optamos pela realização de rodas de conversa, procedimento comumente utilizado nas práticas das ONGs. Seguindo o detalhamento de Abade e Afonso,

[...] uma roda de conversa é uma forma de se trabalhar incentivando a participação e a reflexão. Para tal, buscamos construir condições para um diálogo entre os participantes através de uma postura de escuta e circulação da palavra, bem como com o uso de técnicas de dinamização de grupo. É um tipo de metodologia participativa que pode ser utilizada em diversos contextos (ABADE; AFONSO, 2008, p. 19).

Ainda conforme os autores, as rodas de conversa são espaços que potencializam as discussões acerca do cotidiano, nas quais as narrativas intercalam-se tanto em torno da vida privada como da pública. As rodas permitem ainda o percurso por uma linha de discussão de questões que partem das experiências do grupo. Também aspectos da subjetividade dos integrantes e da cultura imbricam-se nas rodas.

Miranda, Sampaio e Lima nos trazem outras potencialidades das rodas de conversa, ao perceberem nelas “a possibilidade de criar entre os jovens um campo perceptivo onde cada um vê e é visto, sente e é sentido, sem hierarquias pré-estabelecidas” (MIRANDA; SAMPAIO; LIMA, 2009, p. 103).

Ante o desenrolar de procedimentos participativos, os encontros com os grupos de jovens foram marcados por uma permanente criação. Isso porque as rodas demandavam uma parada das atividades cotidianas dos grupos, uma disponibilidade de encontro com outros para a troca de ideias, práticas, experiências. Era necessário, portanto, querer entrar na roda. Nesse sentido, Barros descreve:



[...] é preciso uma convergência: pessoas reunidas, no tempo e no espaço, por algum motivo comum (mesmo que visivelmente distintos). Buscando efeitos muitas vezes diferentes, algo moveu os presentes até aquela formação. Podemos nos referir a desejos, interesses e necessidades, mas o que importa neste caso é o movimento que leva cada um ao encontro dos outros. Esse movimento é material de trabalho, na medida em que carrega a força necessária para a construção da roda e é compartilhado na sua duração (BARROS, 2006, p. 45).

Portanto, as rodas de conversa apresentaram-se como procedimento apropriado nesta pesquisa, por possibilitarem trocas de ideias entre nós e os grupos, mas, acima de tudo, por permitirem-nos acompanhar produtivas trocas de ideias dos jovens entre si. Nas rodas realizadas, o incentivo à participação e à reflexão não partiu apenas da mediação, mas também das questões colocadas pelos demais sujeitos. Assim, as rodas foram caracterizadas pela circulação da palavra, o que possibilitou a interpretação ou reinterpretação dos textos dos jovens sujeitos numa perspectiva dialógica, que envolve troca de ideias, fala e escuta.

As rodas de conversa entre os estudantes nas suas respectivas escolas seguiram um roteiro de questões semiestruturadas e tiveram tempo de duração média de uma hora cada uma. Para a completa aplicação do roteiro referente às rodas, foram necessários dois encontros em cada uma das escolas, realizados no período de outubro a dezembro de 2010. Portanto, mesmo levando em consideração a peculiaridade de cada grupo, repetimos a mesma estrutura de questões nas quatro escolas.

Ao final desse processo, participaram das rodas de conversa 15 estudantes que fazem parte das radioescolas ou da produção do programa *Antenados*. O número de sujeitos integrantes das rodas de conversa se mostrou adequado para emprendermos uma escuta detalhada das falas, bem como desenvolvermos uma investigação de acentuado cunho qualitativo.

Apesar da importância e potencialidade do roteiro para guiar as temáticas abordadas, cada roda precisava ser inventada: Como conversar com cada grupo? Como fazer dos encontros momentos interessantes e prazerosos para os jovens? Portanto, o desenvolvimento de cada roda possibilitou processos de aprendizado que permitiam a reavaliação e reformulação das questões e atividades propostas.

As primeiras questões elaboradas visavam à apresentação dos integrantes dos grupos. As temáticas abordadas concentraram-se em dados pessoais, família e cotidiano. Os momentos finais destinaram-se a relacionar as experiências de vida



narradas e o que os grupos pensavam sobre juventude. Percebemos que a possibilidade de falar de si animou os estudantes e também os instigou a voltar nos próximos encontros. Também as explicações sobre como seriam as rodas de conversa, o que seria a pesquisa e sobre o que falaríamos satisfizeram a curiosidade inicial dos grupos e incentivaram a participação. Em mais de uma ocasião ouvimos alguns dos sujeitos dizerem: “Estou gostando de estar aqui”.

Como forma de estimular a participação e aumentar nossa compreensão sobre a temática juventude, formulamos uma atividade que deveria ser desenvolvida no intervalo entre a primeira e a segunda roda de conversa. Como a maioria dos estudantes afirmara reconhecer-se como jovens, pedimos que trouxessem para o segundo encontro algo que havia marcado sua juventude. O compartilhamento do que foi trazido por cada um dos integrantes deu início às segundas rodas de conversa. Nelas promovemos também a discussão acerca das temáticas cidadania, cotidiano escolar e radioescola.

Mediadas pela pesquisadora principal deste estudo, as rodas de conversa objetivaram saber como se deu a formação do grupo de estudantes para a produção radiofônica, qual a dinâmica das atividades desenvolvidas durante as produções dos programas de rádio – desde a definição do tema do programa até o momento de gravação e edição –, além de quais os interesses dos estudantes durante o processo de produção para o rádio. Os depoimentos foram gravados, o que possibilitou um fiel aproveitamento das citações relevantes para a investigação<sup>12</sup>.

Concluídas oito rodas de conversa, marcamos um terceiro encontro em cada uma das escolas. Esses encontros visavam à realização de uma escuta coletiva do programa *Antenados*. Como forma de incentivar a participação, mais uma vez o intervalo entre os encontros foi marcado pela expectativa. Deveríamos levar para o terceiro encontro a gravação dos programas *Antenados* escolhidos pelos grupos para a escuta. Apenas um dos grupos concentrou em um único programa o desejo de escuta coletiva, dois dos grupos demandaram a escuta de dois programas e um outro grupo demandou a escuta de três programas produzidos. As escolhas tratavam dos seguintes temas humor, chuvas, bairro Conjunto Palmeiras, danças, direitos das crianças, religiões, cultura popular, juventude.

---

<sup>12</sup> Decidimos não identificar os estudantes e suas respectivas escolas, a fim de preservar suas identidades.



Procedemos, portanto, a um total de 12 encontros (três em cada escola) com os grupos de estudantes para a realização tanto das rodas de conversa como das escutas dos programas radiofônicos.

Outro procedimento metodológico complementar desenvolvido nesta pesquisa consistiu em uma análise documental. Além dos projetos político-pedagógicos das quatro escolas, o material analisado foi composto por listas de presenças dos projetos executados pela ONG Catavento; relatórios de atividades; esqueletos dos programas, onde eram previamente planejadas e registradas as definições temáticas de cada bloco; e roteiros elaborados.

Todos esses procedimentos desde as rodas de conversa às análises documentais foram precedidos por visitas às escolas com o objetivo de observar o cotidiano desenrolar-se em torno das rádios. Durante as visitas, concentramo-nos em aguçar nossas percepções visuais e sonoras.

### **3. Para concluir**

A perspectiva de observação, proveniente de pesquisa de cunho etnográfico nas escolas, possibilitou que a compreensão fosse além da análise dos produtos radiofônicos em si, primando pela dimensão processual. A pesquisa nesses cenários foi guiada pela observação do cotidiano, na qual se busca analisar os processos de construção de sentido na perspectiva dos próprios sujeitos.

Assim, importa considerar as práticas vivenciadas pelos jovens como forma de melhor compreender o significado de sua fala. Foi nessas ocasiões que realizamos entrevistas e conversas com os demais sujeitos envolvidos com as radioescolas, tais como professores, diretores e ex-participantes.

A pesquisa, portanto, apresentou o acompanhamento de práticas e experiências juvenis em processos de produção e circulação de conteúdos, bem como de gestão de radioescolas em quatro instituições de ensino público municipal. Os dados apresentados com base na pesquisa empírica, articulados com estudos teóricos que abordam a relação entre juventude, cidadania e comunicação, confirmaram a importância da ênfase na escuta das percepções dos jovens sobre os processos vivenciados, ainda mais quando projetos e ações de instituições são voltados para eles.

A pesquisa partiu da compreensão de que os processos comunicacionais são formados por sujeitos interlocutores em meio à complexidade de discursos, de contextos sociais e culturais. Tais processos são marcados ainda por negociações e conflitos.



Vimos que essa perspectiva teórica traz repercussões nos modos de fazer ciência em comunicação influenciando, portanto, as metodologias científicas. Assim fundamentados, optamos pela pesquisa participante como norteadora dos percursos deste estudo nos espaços sociais. A realização de rodas de conversa foi a técnica desenvolvida como forma de obter os relatos dos estudantes.

Percebemos que a técnica das rodas de conversa, pensada juntamente com atividades que estimulassem a participação e o ânimo dos estudantes, possibilitou o desvelar de relatos extremamente relevantes para avaliações das práticas propostas. Com delicadeza, os jovens expuseram tanto pontos que consideraram favoráveis como críticas aos processos de produção. Acreditamos que a escuta exclusivamente de grupos de estudantes favoreceu tal aspecto dos relatos. A pesquisa possibilitou, portanto, a valorização dessas falas.

### Referências Bibliográficas

ABADE, F. L.; AFONSO, M. L. M. **Para reinventar as rodas**. Belo Horizonte: Rede de Cidadania Mateus Afonso Medeiros (Recivam), 2008. Disponível em: <[http://www.ufsj.edu.br/portal-repositorio/File/lapip/para\\_reinventar\\_as\\_rodas.pdf](http://www.ufsj.edu.br/portal-repositorio/File/lapip/para_reinventar_as_rodas.pdf)>. Acesso em: 29 out. 2010.

ALVES, L. R. Tornar comum a cidadania: raízes antropológicas na vivência comunicativa. XX Encontro da Compós. **Anais...** Disponível em <http://www.compos.org.br>. Acesso em 27 jun.2011

BARBALHO, A. Cidadania, minorias e mídia ou Algumas questões postas ao liberalismo. In: BARBALHO, A.; PAIVA, R. (Org.). **Comunicação e cultura das minorias**. São Paulo: Paulus, 2005. p. 27-39.

BARBALHO, A.; COGO, D.; FUSER, B.. Comunicação para a cidadania: Um breve panorama das tendências de pesquisa a partir da Intercom. In: VICENTE, M. M.; ROTHBERG, Danilo (org). **Meios de comunicação e cidadania**. São Paulo, Cultura Acadêmica, 2010. p. 09-25.

BARBALHO, A.; FUSER, B.; MENDONÇA, M. L.. Pesquisa em comunicação para a cidadania: Panorama nos programas de pós-graduação. XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. **Anais...** Natal: Intercom, 2008.

BARROS, L. P. **Sistema Rio aberto: o corpo em conexão**. 2006. 129 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Centro de Estudos Gerais, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006.

BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002.

BRANDÃO, C. R. (Org.). **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1999.  
CAMPOS, Tarciana. Entre letras e músicas: Experiências juvenis em radioescolas de Fortaleza.  
CANCLINI, N. G. **Diferentes, desiguais e desconectados**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007.



CAMPOS, Tarciana. **Entre letras e músicas: Experiências juvenis em radioescolas de Fortaleza**. 2011. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Instituto de Cultura e Arte, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

COGO, D. M. Repensando a ciência participativa na pesquisa em comunicação. In: PAIVA, R. (Org.). **O retorno na comunidade: os novos caminhos do social**, Rio de Janeiro, Mauad X, 2007. p. 149-166.

DE CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

FREIRE, P. Criando métodos de pesquisa alternativa. In: BRANDÃO, C. R. (Org.). **Pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1983. p. 34-41.

MALDONADO, A. E.. A construção da cidadania científica como premissa de transformação sociocultural na contemporaneidade. XX Encontro da Compós. **Anais...** Disponível em <http://www.compos.org.br>. Acesso em 27.jun.2011.

MONJE, D. et al. Cidadania comunicativa: aproximaciones conceptuales y aportes metodológicos. In: FERNÁNDEZ, A.; MALDONADO, A. E. (org). **Metodologias transformadoras: Tejiendo la Rede en Comunicación, Educación, Ciudadanía e Integración en America Latina**. Caracas, CEPAP, 2009. p. 179-200.

MIRANDA, L.; SAMPAIO, I. S. V.; LIMA, T. Fazendo mídia, pensando educação: reverberações no mesmo canal. **Comunicação & Sociedade**, Brasil, v. 30, n. 51, p. 89-112, jul. 2009. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/view/855/906>>. Acesso em: 6 mar. 2011.

OLIVEIRA, M. D. de; OLIVEIRA, R. D. de. Pesquisa social e ação educativa: Conhecer a realidade para poder transformá-la. In: BRANDÃO, C. R. (Org.). **Pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1983. p. 17-33.

PERUZZO, C. M. K. Da observação participante à pesquisa-ação em comunicação: pressupostos epistemológicos e metodológicos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO – Intercom, 26., 2003, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Intercom, 2003. p. 01-23.

PRYTHON, A. Negociações na periferia: mídia e jovens no Recife. In: BARBALHO, A.; PAIVA, R. (Org.). **Comunicação e cultura das minorias**. São Paulo: Paulus, 2005. p. 99-113.  
SHAFER, R. M. Rádio radical e a nova paisagem sonora. In: MEDITSCH, E.; ZUCULOTO, V. (Org.). **Teorias do rádio: textos e contextos**. Florianópolis: Insular, v. 02, 2008.

SHERER-WARREN, I. **Redes de movimentos sociais**. São Paulo: Loyola, 1993.